

---

---

ENTREVISTA/INTERVIEW

---

---

## ENTREVISTA COM NGŪGĨ WA THIONG'O

Yéo N'gana

Université Felix Houphouet Boigny. Cocody, Abidjan, Costa do  
Marfim, África

Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina,  
Brasil

Romancista e eminente teórico no campo da literatura pós-colonial, Ngũgĩ wa Thiong'o é atualmente professor de Inglês e de Literatura Comparada na University of California, Irvine, USA. Nascido em 1938, sua origem modesta (família de camponeses) não o impediu de ter acesso à educação formal. Fez toda a sua formação no Quênia desde o ensino básico (em Kamandura, Manguu e Kinyogori), o ensino médio (Alliance High School) até a faculdade (Makerere University College). Adolescente no Quênia colônia britânica (1895-1963), Ngũgĩ conheceu a chamada *Mau Mau War*, guerra pela independência que, mais tarde, passou a ser o tema central no princípio da sua produção literária.

Conhecido na região austral da África pela interpretação da sua peça *The Black Hermit* em 1962, Ngũgĩ é também autor de mais de 20 peças e novelas, traduzidas para mais de 30 línguas, entre elas: *Weep Not Child* (1964), *The River Between* (1965), *A Grain of Wheat* (1967), *Wizard of the Crow* (2006) (tradução de Murogi wa Kagogo, originalmente escrito em língua Gikuyu), *Dreams in a Time of War* (2010), *In the House of the Interpreter* (2012), etc. Além das peças, Ngũgĩ wa Thiong'o escreveu diversos livros críticos que, entre reminiscências de memória e uma resoluta incumbência intelectual e filosófica, dissertam sobre o lugar da África, das línguas africanas e da produção literária africana no cenário global



incluindo: *Secure the Base: Making Africa Visible in the Globe* (2016), *Birth of a Dream Weaver: A Writer's Awakening* (2016), *Globalectics: Theory and the Politics of Knowing* (2014), *In the Name of the Mother: Reflections on Writers and Empire* (2013), *Barrel of a Pen: Resistance to Repression in Neo-Colonial Kenya* (1983) etc. sendo *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature* (1986) o mais conhecido.

Ao longo da sua atuação de professor e crítico, Ngũgĩ wa Thiong'o recebeu aproximadamente 10 títulos de Doutor *Honoris Causa*, os mais recentes sendo conferidos pela *KCA University*, Quênia, 2016 e pela *Yale University*, EUA, 2017.

INTERVIEW WITH NGŪGĨ    ENTREVISTA COM NGŪGĨ

WA THIONG'O

WA THIONG'O

Cadernos de Tradução (CT): *You have relentlessly battled over decades for a promotion by Africans themselves of their languages, cultures and literature. Would you please briefly tell us what you mean(t) by African literature? What is the current state of affairs?*

(NWT): It should be obvious by the name, African, but given the linguistic distortions inherited from colonialism, we are in this position where we have to ask for a definition which should be inherent in the title. African Literature is that literature written by Africans in an African language. Literature written by Africans in European languages is called *Europhone African Literature*. Up to now it, has three main branches: Anglophone, Francophone and Lusophone. To call *Europhone Literature* by the name *African*

(CT): *O senhor tem lutado incansavelmente, ao longo das últimas décadas, a favor da promoção pelos próprios africanos de suas línguas, culturas e literaturas. Poderia nos dizer o que chama/va de literatura africana? Qual é a situação hoje?*

(NWT): Deveria ser óbvio pelo próprio nome, Africana, mas, devido às distorções herdadas do colonialismo, nos encontramos neste estado que exige, de nós, uma definição que deveria ser intrínseca ao título. A “Literatura Africana” é uma literatura escrita por africanos numa língua africana. A literatura escrita por africanos nas línguas europeias é chamada *Literatura Africana Eurófona*. Até agora, ela está dividida em três ramos principais: anglófona, francófona e lusófona. Chamar a *Literatura Eurófona* pelo nome *Literatura Africana* é um

*Literature* is a clear case of Literary Identity Theft.

caso evidente de “Usurpação de Identidade Literária”.

(CT): *You advocate a lot for a bilateral movement. That means translations should be done both ways from European languages to African ones, and vice-versa. And you also made it clear that government policies should accompany the process through the promotion and introduction of these languages within the educational system. So, how is the choice of the target language to occur in a country like Côte d’Ivoire with about 62 local languages?*

(CT): *O Senhor defendeu bastante a ideia de se haver um movimento bilateral. Quer dizer que as traduções devem ser feitas em ambas as direções, das línguas europeias para as línguas africanas e vice-versa. O senhor também deixou claro que as políticas governamentais não de acompanhar o processo através da promoção e da introdução dessas línguas no sistema de ensino. Para tanto, como se faria a escolha da língua alvo num país como a Costa do Marfim com aproximadamente 62 línguas nacionais?*

(NWT): Government policies towards African languages have to change if Africa has to move forward in its own image. The slavish embrace of European languages as the languages of power and authority has to end. But writers and publishers have to come on board. And also translators. I have talked of translation as the common language of languages. As for many languages in one country,

(NWT): As políticas dos governos direcionadas às línguas africanas não de mudar se quisermos que a África cresça a seu próprio ritmo. A adoção servil das línguas europeias como línguas do poder e da autoridade tem que acabar. Por isso, escritores e editores têm de entrar no palco. Os tradutores também. Falei da tradução como de uma língua comum às todas línguas. Qual é o problema em se ter

what is the problem? It just means that there are many communities with distinctive histories and languages. Language is a human right. The challenge is really that of intercommunity communication. In the case of Cote d'Ivoire, you have French. It is just a fact. But all the other 62 languages have a right to be. A child in the country should have at least two languages: their mother tongue and then French as the language of power. But they should be encouraged to learn another African language, of another community within the country. As for books and other material written in any of the 62 languages, they can and should be translated into as many other Ivorian languages as possible, and of course also into French. Equally important is the translation from French into the other 62. I don't know if you have heard of the Jalada translation project. Google it as Jalada Translation 01. My story, *Ituika ria Murungaru/The Upright revolution*, originally written in Gikuyu, my mother tongue, has now been translated into 40 African languages, 6 European languages, 6 Asian

várias línguas no país só? Isso significa apenas que existem muitas comunidades com histórias e línguas distintas. A língua é um direito humano. O verdadeiro desafio é o da comunicação intercomunitária. No caso da Costa do Marfim, vocês têm o “francês”. É apenas um fato. No entanto, as 62 línguas têm todas o direito de existir. Cada criança nesse país deve falar pelo menos duas línguas: sua língua materna e, em seguida o francês, língua do poder. Mas, ela deve ser incentivada a aprender uma outra língua Africana, de outra comunidade presente no país. Se alguns livros e materiais forem escritos numa dessas 62 línguas, podem e devem ser traduzidos para o máximo possível de línguas marfinenses, e incluindo o francês. Não sei se você ouviu falar do projeto de tradução *Jalada*. Procure no Google *Jalada Translation 01*. Minha estória, *Ituika ria Murungaru/ A Revolução Vertical*, originalmente escrita em Gikuyu, minha língua materna, foi traduzida para 40 línguas africanas, 6 línguas europeias, 6 línguas asiáticas, e 2 línguas

languages, and two Middle eastern, making it a total of 54. Jalada is clearly showing the way to our future.

(CT): *In francophone Africa, we've seen writers like Ahmadou Kourouma, Henri Lopes, and Jean-Marie Adiaffi among others, whose characters' names and fates were firmly tied. Those names were inspired by the imaginary of their authors' cultures and participated to both the humor and the flavor of the narratives. Then, my question is how important are names and naming in your literary creating process? And how did you come to decide if yes or no you have to maintain your characters' names in their original Gikuyu forms during the translation of Caitani mutharaba-Ini ?*

(NWT): Names are important. Language itself is a vast naming system. In translation one has to keep the original names of the characters and places, which is what I do.

do Médio oriente, totalizando 54. *Jalada* está mostrando claramente o caminho para nosso futuro.

(CT): *Na África francófona, temos conhecido escritores como Ahmadou Kourouma, Henri Lopes e Jean-Marie Adiaffi entre outros, cujos nomes dos personagens têm uma ligação estreita com os destinos dos mesmos. Inspirados pelos imaginários das culturas dos autores, esses nomes participam de ambos o humor e o sabor das narrativas. Agora, minha pergunta é: qual a importância dos nomes e da nomeação no seu processo de criação literária? Como o senhor decidiu se deveria ou não manter os nomes de seus personagens na sua forma original Gikuyu durante ao traduzir Caitani mutharaba-Ini ?*

(NWT): Os nomes são importantes. A língua em si é um vasto sistema de nomeação. Na tradução, deve-se manter as formas originais nomes dos personagens e dos lugares. É o que eu faço.

(CT): *In Decolonising the mind, you referred to Janheinz Jahn who defined African literature in European languages as “neo-African literature”, and to Gabriel Okara defending that the only way to effectively express African ideas, philosophy and Folklore in whatever European language, was to translate them almost literally from African native language(s). So, who do you think can translate neo-African literature? Can African proverbs and turns of phrase be translated?*

(NWT): In translation, one has to try and convey the spirit and intent of the original language into the target language. In my view, the translations should read fluently in the target language. No distortions, thank you. If the reader wants to have the flavor of the original language, then they should learn the original and read the work in the original.

(CT): *Is there any necessity of having a set of guidelines (a theory-like) to the transport of African literature to non-African*

(CT): *Em Descolonizando a mente, o senhor se referia a Janheinz Jahn quem chamou a literatura Africana nas línguas europeias por “neoliteratura africana”, e Gabriel Okara que defende que a única maneira de expressar eficientemente as ideias, a filosofia e o folclóre africanos, em qualquer língua europeia que seja, consistia em traduzi-las literalmente das línguas locais africanas. Então, quem o senhor acha que pode traduzir a neoliteratura africana? Podem os provérbios e o falar africanos serem traduzidos ?*

(NWT): Na tradução, deve-se procurar traduzir o espírito e o intento da língua original para a língua alvo. Na minha opinião, as traduções devem, na língua alvo, ser lidas com facilidade. Mas sem distorções, por favor. Se o leitor quer ter o sabor da língua original, então deverá aprendê-la e ler o texto na sua forma original.

(CT): *Há necessidade de se ter um conjunto de regras (do tipo teoria) para o transporte da literatura africana para*



*languages? If yes, will it not impinge on the translator's freedom and creativity? For the latter, as both a cultural mediator and promoter, is a writer of translations as well?*

(NWT): The translator has one responsibility: to try and capture the spirit, intent and sense of the original and convey that into the target language. It is no good trying to capture the syntax of the original in the target language. For instance some languages have adjectives come after follow nouns e.g. Water blue. Others like English have the adjective before the noun, e.g. Blue water. So you have to capture the spirit and intent of the original but within the form of the target language.

*as línguas não europeias? Caso sim, isso não afetaria a liberdade e a criatividade do tradutor? Sendo que este último, além de mediador e promotor, é também escritor de traduções?*

(NWT): O tradutor tem uma só responsabilidade: tentar captar o espírito, intento e o sentido do original e transmiti-los na língua alvo. Não é nada legal procurar reproduzir a sintaxe do original na língua alvo. Por exemplo: em algumas línguas, os adjetivos vêm depois dos nomes (*Water Blue*). Noutras como o inglês os adjetivos se colocam antes dos nomes (*Blue Water*). Portanto, você tem de sintonizar o espírito do original, mas dentro da estrutura da língua alvo.

## Referências

THIONG'O, Ngugi wa. **Decolonizing the Mind: The Politics of Language in African Literature**. London: Heinemann, 1986.

BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA. site Oficial. <http://ngugiwathiongo.com/about/>, Acesso em 15 de abril de 2017.

Recebido em: 02/08/2017

Aceito em: 14/10/2017

Publicado em janeiro de 2018

---

Yéo N'gana. E-mail: [nganayeo@gmail.com](mailto:nganayeo@gmail.com)